

O SUBSÍDIO DE JOSÉ PEDRO MARTINS BARATA PARA A DIVULGAÇÃO DO ROMANCEIRO PORTUGUÊS

Sandra Boto*

O esquecimento do subsídio de José Pedro Martins Barata para a divulgação do romanceiro português no século XX, mais concretamente o seu papel ativo no levantamento da poesia narrativa de tradição oral moderna de uma região tão pouco estudada como os concelhos de Nisa e de Castelo de Vide denuncia uma desatenção grave, como veremos.

Dois contributos bibliográficos fundamentais de cariz etnográfico da autoria do Coronel Martins Barata suportam a minha afirmação. Refiro-me, obviamente, ao artigo “As ‘xácolas’ em Montalvão e

* **Sandra Boto** é licenciada em Línguas e Literaturas Modernas – variante de Estudos Portugueses pela Universidade do Algarve. Em 2012 doutorou-se em Línguas, Literaturas e Culturas – Estudos Literários pela Universidade Nova de Lisboa, com a tese *As Fontes do Romanceiro de Almeida Garrett. Uma Proposta de Edição Crítica*. A sua investigação de doutoramento foi desenvolvida com o apoio de uma bolsa concedida pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Actualmente, desenvolve o projecto de pós-doutoramento *O Romanceiro de Almeida Garrett. A edição crítica integral em formato digital*, acolhido pelo Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra e pelo Centro de Investigação em Artes e Comunicação da Universidade do Algarve, com bolsa atribuída pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. É membro do CIAC (Universidade do Algarve) e do CLP (Universidade de Coimbra). Ensinou na Universidad de Huelva, na Universidade do Algarve e na Universitat Autònoma de Barcelona, onde dirigiu o Centro de Língua Portuguesa do Instituto Camões. Da sua experiência docente, destaca-se o ensino de Português para Estrangeiros e de Literatura Espanhola.

Póvoa de Meadas no extremo-norte alentejano”, (Separata do volume XXXI da *Revista de Portugal*, Série A: Língua Portuguesa, 1966, pp. 409-420) e ao mais ambicioso trabalho “Tradições religiosas em Montalvão e em Póvoa e Meadas no extremo-norte alentejano”, publicado em 1969 no n.º 6 da revista *Ethnos. Revista do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia*, pp. 49-157 (estudo que seria reeditado no ano seguinte pelo Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia).

A estes trabalhos subjaz a manifesta preocupação do autor em documentar as tradições próprias dos territórios em questão, de geografia raiana, preocupação que acaba por encontrar na tradição oral das “xácolas” – designação local para os cantos domésticos e de trabalho interpretados durante a quaresma na região – terreno fértil de pesquisa. Adianta-nos Martins Barata, a este respeito, no artigo de 1966 (p. 412), que “Dado que as quadras não eram próprias do tempo, cantavam-se as ‘xácolas’, nome provavelmente corrupção de xácaras.” Esta questão não é inédita, pois como sabemos Almeida Garrett depa-rou-se com semelhante dúvida terminológica quando afirma, em 1843, que “cheguei a ter uma bastante coleção dessas trovas e romances populares, xácaras e solaus – designações que, sinceramente confesso, não sei ainda quadrar bem nas diversas espécies e variedades em que se divide o género.”¹, embora também manifeste, nesta fase, uma preferência notória pelo termo ‘xácara’ em relação a todos os outros para designar as baladas tradicionais portuguesas.

Observamos, então, no caso específico desta zona do Alto Alentejo, que as ‘xácolas’ configuram um repertório muito específico associado a um período litúrgico concreto. Já em 1958, como nota pôstuma de Leite de Vasconcelos a uma versão de Tolosa, concelho de Nisa, se lia que “as xáculas [sic] cantam-se na quaresma em casa, ao costurarem, ou à porta das casas”². Segundo explorou e confirmou o Coronel Martins Barata atentando nas recolhidas dirigidas em Montalvão e em Póvoa e Meadas, o romanceiro tradicional desta região – e não se trata apenas de um *corpus* religioso ou de milagres, como seria de esperar, mas bem pelo contrário de temas maioritariamente profanos – assume um carácter ritualístico.

¹ Garrett, *Romanceiro e Cancioneiro Geral*, Lisboa, Typ. Propagadora dos Conhec. Ureis, 1843, p. V.

² José Leite de Vasconcelos, *Romanceiro Português*, I, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1958, p. 297.

Mas o sumo interesse da publicação de 1966, na qual o nosso polígrafo autor define cabalmente esta prática etnográfica, reside, do meu ponto de vista, na fixação de catorze poemas narrativos provenientes desta tradição oral, recolhidos nas povoações de Montalvão e de Póvoa e Meadas. Destes, treze consistem em versões de romances tradicionais e outro numa canção narrativa. Não obstante oferecer apenas duas das versões na íntegra e apenas uma versão representativa de cada romance (não sabemos se disporia de mais) – a por ele intitulada “Xácola de Santa Helena Milagrosa”, correspondente ao tema “Santa Iria” e a “Xácola do cego”, romance designado “O cego”³, versão que ele erroneamente considera uma “variante” do romance anterior – o *corpus* editado merece sem dúvida alguns comentários. O repertório romancístico oferecido nesta edição – diríamos canónico, em larga medida – inclui ainda fragmentos dos romances “O lavrador da arada”, “A donzela guerreira”, “O Conde Alarcos”, “Delgadinha”, “O soldado” + “A aparição”, “Conde Claros vestido de frade”, “Bela Infanta”, “O Conde da Alemanha”, “Bernal Francês” e incorpora ainda os temas vulgares “Os soldados violadores” e “O soldado e a freira”.

Nota-se, nesta publicação, uma preocupação do autor em documentar as versões que noticia ao apresentar em paralelo textos correspondentes do romanceiro espanhol, processo comparativo sem dúvida bebido em editores portugueses anteriores tais como Garrett ou Teófilo Braga, por exemplo. À falta de recursos bibliográficos para o romanceiro espanhol, baseia-se Martins Barata nas informações veiculadas por Teófilo Braga para o romanceiro espanhol (mais precisamente no vol. III do *Romanceiro Geral*, local onde fornece dados bibliográficos e textuais acerca das relações entre o romanceiro português e as congéneres versões espanholas) e, segundo pensamos haver detetado através da *collatio* entre possíveis textos-base do nosso editor, bebe diretamente em fontes textuais castelhanas de finais do século XIX, mais precisamente nos *Romances populares recogidos de la tradición oral*, tomo III (nomeadamente os “Romances tradicionales de Asturias” e os “Romances tradicionales de Andalucía y Extre-

³ Para todos os títulos de romances aqui citados adoto a designação portuguesa proposta pela *Bibliografía do Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna* Portuguesa, de Pere Ferré e Cristina Carinhas (Madrid, Instituto Universitario Seminario Menéndez Pidal, 2000), que, por sua vez, segue a classificação do *Índice General del Romanceiro* desenvolvido pelo mesmo Seminario Menéndez Pidal de Madrid.

madura”) e ainda, no caso da “Xácola do soldadinho”, no Apêndice I a *Primavera y flor de romances de Wolf*, tomo II (tomos IX e X da *Antologia de poetas líricos castelhanos* de D. Marcelino Menéndez y Pelayo).

Poder-se-ão apontar falhas ao processo de busca de correspondências no romanceiro espanhol levado a cabo por Martins Barata, já que, na realidade, algumas que se encontravam já reconhecidas nas fontes que consultou ficaram por identificar. No entanto, compreende-se este procedimento comparatista como meramente exemplificativo: importa a Martins Barata insistir acima de tudo na feição raiana da cultura popular desta zona, que guardou (mais no passado do que no presente, refere) estreitas relações com a língua e com as tradições além-fronteira. Ilustrar a poética popular raiana através da confluência de tradições oriundas de Espanha mediante a proximidade entre tradições orais – pese embora os exemplos asturianos e andaluzes de que se socorre não provenham, obviamente, da zona de fronteira com o distrito de Portalegre – vem reforçar uma ideia de cultura ibérica já explorada no século XIX. Aliás, este argumento torna-se ainda mais significativo se atentarmos no facto de a versão do romance vulgar “O soldado e a freira” fixada por Martins Barata ser a única recolhida até ao momento em Portugal, ilustrando-se, com este caso concreto, a penetração de um tema consagrado no repertório espanhol em território português, através dos contactos que a raia política não foi capaz de quebrar durante séculos.

Martins Barata mostra, efetivamente, consciência do pioneirismo do seu esforço coletor ao considerar ele próprio que a importância do seu trabalho assenta, num primeiro momento, apenas em dar notícia do seu achado poético, motivo pelo qual regressará ao assunto no já citado trabalho publicado em 1969, não só para desenvolver amplamente o estudo etnográfico das tradições religiosas nas duas povoações como para fixar novamente as versões de romances (agora na íntegra) acompanhadas da sua transcrição musical (apenas cinco versões não apresentavam partitura) e completar o panorama do romanceiro de Montalvão e de Póvoa e Meadas com uma versão de cada um dos três novos temas que aqui fixa pela primeira vez lado a lado com os já divulgados em 1966. Refiro-me concretamente ao romance religioso “Testamento de Cristo”, ao devoto “A devota caluniada” e ao tema profano que relata uma história de adultério feminino, “Frei João”⁴.

⁴ Excluem-se do cômputo três outros textos dados à estampa em 1969, que se consideram, para todos os efeitos, cantigas narrativas e não romances: “Xácola

Não será demais situar o trabalho de recolha de Martins Barata (labor de décadas, retomado em 1961) no panorama editorial do romanceiro do Alto Alentejo, de forma a melhor percebermos o seu papel, já que a sua coleção permitiu ampliar o magro *corpus* romancístico dos concelhos de Nisa e de Castelo de Vide com dezasseis novas versões (lamentavelmente, os dados de recolha e a relação de informantes que oferece no estudo de 1969 não nos permitem avançar com informações mais completas, de forma a destriçar os repertórios específicos de cada povoação).

Em primeiro lugar, sublinhe-se a qualidade e o refinamento poético de todos os textos fixados, em franco contraste com a realidade de uma tradição já ruínosa lamentada pelo próprio editor, a qual justifica certamente a escassez de versões oriundas desta região, então e hoje.

Com efeito, até ao seu contributo, o conhecimento do romanceiro do concelho de Castelo de Vide era nulo, devendo-se a Martins Barata a estreia no seu levantamento (através do trabalho realizado em Póvoa e Meadas, especificamente). Quanto ao concelho de Nisa, note-se que a *magna opera* pós-tuma em dois volumes de José Leite de Vasconcelos – o primeiro de 1958 e o segundo de 1960 – permitira apurar as primeiras versões conhecidas de romances deste concelho, recolhidas durante os idos anos 30 do século XX em Tolosa e Amieira, mas só publicadas tardiamente, antes contudo, dos trabalhos de Martins Barata. No entanto, se a coleção leitiana confere alguns temas que se encontram ausentes na do nosso autor (como sejam a “Morte do príncipe D. João”, “A má sogra”, “Claralinda” e “A princesa peregrina”), peca pela ausência significativa de outros vários que só se descobririam na memória da região com as recolhas de Martins Barata.

A este propósito, deve mencionar-se, ainda, um pequeno pecúlio de quatro versões oriundas de Montalvão, que terão sido recolhidas em data incerta, mas em todo o caso a partir dos anos 50 do século XX. Trata-se de textos registados por Luís Filipe Lindley Cintra, numa incursão provavelmente no âmbito das suas pesquisas linguísticas. Tal conjunto, que acrescenta, na realidade, um novo tema devoto ao reper-

da pomba sem fel” (cantiga narrativa que assume a designação genérica de “A febre amarela”); “Xácola do Morgado” (“Morgado da Junqueira”) e “Xácola do casamento” (“Casamento e morte contrastados”). Sigo os títulos genéricos destas cantigas narrativas propostos por Maria Alete Galhoz no seu *Romanceiro Popular Português*, II vols., Lisboa, Centro de Estudos Geográficos / Instituto Nacional de Investigação Científica, 1987 e 1988.

tório desta zona – “A Virgem e o Cego” – é constituído por uma versão de “Santa Iria”, outra versão d’ “O soldado”, a já mencionada “A Virgem e o Cego” e uma versão d’ “A donzela Guerreira”). Só conheceria, no entanto, os prelos, em 1987 e 1988, pela mão de Maria Aliete Galhoz⁵.

Recolhas mais recentes vêm corroborar o imenso valor devido ao pequeno romancelheiro do Coronel Martins Barata. Os concelhos de Nisa (Amieira do Tejo, Tolosa e Montalvão) foram entretanto alvo de recolhas sistematizadas durante a década de 80. Em 1980, uma equipa liderada por Ana Maria Martins realiza prospeções em Tolosa, local onde também Pere Ferré realizará entrevistas em 1987. No ano seguinte, este investigador regressa ao terreno, reforçando o levantamento do romancelheiro tradicional neste concelho. São então gravadas dez versões em Montalvão, de entre as quais três completas pertencem ao romance devoto “O lavrador da arada” e outra a “Delgadinha”. Contudo, tanto ao nível da diversidade temática como da qualidade das versões, estas recolhas dos anos 80 dão provas suficientes da irreversível decadência do romancelheiro tradicional neste concelho. Algo semelhante sucede no concelho de Castelo de Vide, que recebe também a visita da equipa de Pere Ferré em 1988. A uma versão de Castelo de Vide e a quatro de Póvoa e Meadas se resume o produto desta incursão, fragmentárias ou incompletas, todas elas, e, portanto, reveladoras do elevado grau de esquecimento em que o romancelheiro caíra nesta zona raiana.

Valem-nos, como melhor testemunho da presença do romancelheiro tradicional no nordeste alentejano, as belíssimas e apuradas versões que compõem a coleção de Martins Barata, monumento mais representativo deste género para as populações de Montalvão e de Póvoa e Meadas. Trata-se, portanto, de um património a estimar e a lembrar.

⁵ No *Romanceiro Popular Português*, da sua responsabilidade (ver referência bibliográfica completa na nota anterior).